

Instruir as mulheres: admoestação à modéstia do *De cultu feminarum* de Tertuliano

Silvia Márcia Alves Siqueira

Universidade Estadual do Ceará, Av. Barão de Studart, 505, 60120-000, Meireles, Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: siqueirasilvia@yahoo.com.br

RESUMO. Este artigo tem por objetivo discorrer sobre o discurso prolapado na obra *De cultu feminarum* de Tertuliano que entrelaçando instrução e admoestação à modéstia nos mostra um panorama de determinado período do cristianismo em que também as mulheres foram objeto de ações e atividades educativas.

Palavras-chave: mulheres no cristianismo, discurso e prática, Tertuliano, educação.

ABSTRACT. To teach the women: admonition to modesty in the *De cultu feminarum* to Tertullian. This article examines *De cultu feminarum* of the Tertullian and the importance of weaving instruction as an admonition to modesty illustrating how during certain periods of Christianity women were also the object of educational activities.

Keywords: women in the christianity, discourse and practice, Tertullian, education.

Introdução

A idéia de que a educação, é predominantemente uma maneira pela qual a sociedade renova de maneira sistemática os requisitos de sua própria existência preconizada por Durkheim, auxilia sobremaneira a compreensão de alguns processos de educação e socialização. Este autor ao refletir sobre a multiplicidade de processos que conduz à consolidação da reprodução social concebeu a educação como uma ação exercitada pelas gerações adultas sobre aquelas não maduras para a vida social, com fins de constituir o ser social em cada indivíduo singular (ZAJDMAN, 2009).

A educação, entendida como um processo de desenvolvimento do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social, se constrói por meio de um processo de socialização, viabilizado por meio de diferentes maneiras, de modo localizado no conjunto das interações sociais. De modo que diversificados lugares podem servir de lócus privilegiado para compartilhar um modelo de conduta e um modo de ser, supostamente considerado o correto para determinada sociedade. São várias as instâncias de socialização, família, escola, religião, grupos de amigos, atualmente os meios de comunicação de massa etc. Desta feita, o processo educacional é contínuo transpassa “práticas e discursos” como quer Chartier (1995), e segue seu rumo na constituição do ser social por meio do ensino e aprendizado dos papéis sociais conduzindo para uma certa “domesticação”.

Nosso escopo é analisar predominantemente um arrazoado produzido em um ambiente religioso do mundo romano no final do séc. II d.C e meados do III séc. d.C. Elegemos alguns discursos elaborados por Tertuliano (160/220 d.C.), hábil retórico que teve formação jurídica e filosófica. Além da sua formação significativa, a trajetória religiosa ávida que não se furtou de inúmeras mudanças, percorrida pelo nosso autor justifica a sua eleição. A princípio adepto da religião romana¹, oriunda de seu mundo social e comum à expressiva maioria da população do império romano daquela época, converteu-se ao cristianismo e escreveu em defesa fervorosa de sua nova fé, obras apologéticas com severas críticas e vitupérios às diversas outras expressões religiosas do mundo romano e a seus defensores, bem como à própria filosofia helênica. Após alguns anos participando do movimento cristão, conheceu outras interpretações da revelação cristã e passou a fazer parte de uma tendência profética chamada montanismo, vindo a criticar sua opção anterior e a defender a nova postura com outros escritos, contrapondo-se a diversos autores que não concordavam com suas ideias. Sabe-se que, nessa dinâmica de defesa e condenação de posturas religiosas, insatisfeito, criou sua própria tendência religiosa.

¹ As palavras paganismo e politeísmo são frequentemente utilizadas para designar a religião predominante do mundo romano, ou as religiões não cristãs. Não raramente elas trazem em si significados de desvalorização e preconceitos. Sem nenhuma pretensão arbitrária, privilegia-se aqui o uso do termo religião romana para designar as variadas expressões religiosas e politeístas do Império Romano, de forma a substituir o tão usado termo pagão.

A extensa obra produzida pelo autor polemizou e defendeu ardorosamente o seu ponto de vista. Deixou preciosas informações da localidade onde viveu, a grande Cartago, à época bastante romanizada em seus costumes, e na organização social e religiosa de sua época. Fonte preciosa para a compreensão dos primeiros séculos e também da expansão cristã e os primeiros passos da constituição mais sistematizada da teologia cristã.

Vários de seus trabalhos foram dedicados às mulheres elegemos alguns para que possamos estabelecer uma reflexão sobre o processo da socialização a partir de práticas discursivas, as quais passam a figurar como justificativa para práticas sociais, especialmente ao que está diretamente aliado à educação, ou mesmo à elaboração de um modelo de mulher cristã. Sabemos que a religião pode refletir também as diferenças entre os sexos e outras classificações que operam dentro da sociedade. O conjunto simbólico religioso reflete em si diferentes categorias inclusive aquelas que atuam na diferença entre homens e mulheres. A religião se mantém, muitas vezes, em atividade, construindo, definindo e negociando categorias, definindo o que pode ser feminino ou masculino, o que constitui virgindade ou casamento e assim por diante. Desse modo, é a religião que age regularmente como um espaço privilegiado, um lugar-chave dentro de qualquer cultura particular, para a definição de papéis de gênero, para debate sobre normas de gênero e transgressões (BEARD, 1995). Desta feita tentaremos delimitar, em uma certa configuração histórica, determinados indicadores de possíveis circunscrições de papéis e funções para as mulheres no cristianismo dos primeiros séculos.

Admoesta as mulheres e instrui à modéstia!

A abundância de discursos e admoestações para as mulheres indica que desde o princípio a preocupação com a criação de um modelo feminino, atuou de maneira incisiva no que diz respeito à organização institucional das diversas comunidades cristãs, de finais do séc. II e no decorrer do séc. III. Os escritores cristãos, desde o tempo dos apóstolos, se preocuparam em propalar suas opiniões sobre a mulher cristã, seguindo o exemplo paulino de estabelecer um código de conduta para a mulher no âmbito privado, que se aproxima muito do modelo judaico. Contudo, a difusão da mensagem cristã dentro do plural e diversificado panorama mediterrâneo teve de se redimensionar constantemente de modo a fazer-se compreensível e atraente. Isso inclui o tratamento dado às mulheres, ao casamento e a vida em família.

Com relação ao cristianismo, a família funcionou, algumas vezes, como referencial na definição e elaboração do lugar da mulher nas comunidades cristãs, expressas por meio dos temas: matrimônio e virgindade. As várias obras de Tertuliano, *Ad uxorem* (TERTULIANO, 1988), *De exhortatione castitatis* (TERTULIANO, 1988), *De monogamia* (TERTULIANO, 1988)² e *De virginibus velandis* (TERTULIANO, 1984), estão diretamente ligadas à delimitação do papel a ser desempenhado pelas mulheres, tanto na família quanto em suas respectivas igrejas. Para esse autor, elas deveriam viver completamente para a religião e para os serviços de Cristo. Se casadas, deveriam ocupar-se do cuidado com a família, permanecendo em estado perene de continência. Se ficassem viúvas, não deveriam contrair outro casamento, a não ser com Cristo. Se fossem jovens e virgens, deveriam se entregar a um matrimônio místico, assim como ao exercício de atividades religiosas, mas com funções específicas e adequadas ao sexo feminino.

Mas a qual família Tertuliano se referia quando escrevia? Considerando o mundo social do qual ele fazia parte, não há como dar uma resposta precisa. O que praticamente todos os documentos escritos deixados por ele sobre o assunto registram é uma disposição em ordem lógica de situações distintas e contraditórias entre si. As figuras ilustrativas, ou melhor, os exemplos, são retirados dos ambientes judaico e romano. Alinha em um mesmo texto personagens do Antigo e do Novo Testamento ao lado de modelos oriundos da religião greco-romana, criando uma exegese própria da primeira carta de Paulo aos Coríntios, em especial o capítulo 7 em que o apóstolo discorre sobre o casamento e a virgindade.

Além das obras acima citadas, Tertuliano dedica um livro diretamente para o público feminino, um tratado cujo título é *De cultu feminarum* (TERTULIANO, 1974; TERTULLIEN, 1971), dos argumentos predominantes temos a vestimenta, a maquiagem, os acessórios e comportamento. Pode ser que os temas estejam diretamente ligado à conduta das mulheres em geral e não apenas as cristãs, pois a obra não especifica a abrangência do seu público. É possível verificar que é dedicado à determinadas cartaginesas que não adotavam um comportamento de acordo com a concepção tertuliânea da mulher cristã ideal. Ele esclareceu que seu objetivo era persuadir as amabilíssimas irmãs – *sorores dilectissimae* – a uma nova conduta feminina, diferente daquela apresentada pelas outras mulheres, as não cristãs.

² As três obras estão reunidas em uma coletânea denominada "Il matrimonio nel cristianesimo preniceno" organizado por Pier Angelo Gramaglia, publicado pela editora Borla.

O texto apresenta um panorama do mundo feminino na sociedade cartaginesa, aprofundando questões relativas ao mundo do autor e aos costumes dos homens e das mulheres contemporâneas. Sua escrita data aproximadamente de 202 d.C. até 212 d.C. O estilo ora impetuoso e ofensivo, ora humilde e generoso segue os cânones da retórica. O objetivo é convencer as mulheres cristãs de Cartago a deixar o luxo e a vaidade das vestimentas, adotando uma nova maneira de se vestir e de se adornar mais adequada a mulheres que professam a “nova religião”. Ao finalizar, enfatiza a submissão, mencionando os conselhos do apóstolo Paulo, argumento já utilizado nessa época para lembrar qual o papel da mulher cristã em relação a seus maridos (EFÉSIOS 5:22-23 apud BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985).

O tema da vaidade feminina no panorama histórico romano já havia sido abordado por outros autores e a polêmica em torno do luxo feminino fora inclusive motivo da instituição da Lei Ópia, em 195 a.C., a qual proibia as mulheres de possuírem mais que meia onça de ouro e também restringia-lhes o uso de carruagem até uma milha de Roma, a menos que fosse utilizada para dirigir-se a cerimônias religiosas (BUSTAMANTE, 2003a). Parece que legislar sobre aspectos específicos das propriedades femininas tiveram conseqüências e reações por parte das mulheres que não aceitaram prontamente a imposição. Corassin (1992), ao se referir a questão da ação das mulheres e às suas manifestações de protestos em Roma, em defesa de seus direitos, diz que “elas utilizaram as mesmas estratégias de pressão popular empregadas pelos cidadãos romanos”, exigindo a revogação da lei, sitiando todas as saídas do Fórum e “nenhuma autoridade, nem mesmo seus maridos, conseguiu detê-las. Essa manifestação feminina já era por si só um ato de emancipação” (ROBERT, 1995). Dentre os autores romanos que discorreram sobre o tema estão Plínio, O Velho, Luciano, Apuleio e também o cristão Clemente de Alexandria (SAAVEDRA GUERRERO, 1986).

Alguns séculos mais tarde, Tertuliano retoma o tema da ostentação feminina, porém em local e contexto diferentes do anterior, acrescentando ao acervo, a imposição de regras e admoestações ao comportamento feminino ideal. As estratégias retóricas utilizadas estão sedimentadas em argumentos que envolvem o uso de jóias, de roupas caras, de enfeites e de adornos especiais, maquiagens e perfumes, adereços acessíveis apenas às pessoas mais abastadas da sociedade cartaginesa. O alvo de crítica é justamente uma parcela da população feminina da cidade, que gozava de uma situação financeira privilegiada, ou seja, as mulheres cristãs

abastadas que, muito provavelmente, se preocupavam assim como as mulheres de Roma com elegância, moda, perfumes, jóias, maquiagem e outros adereços. Todos esses atributos são considerados necessários para compor uma bela figura da sociedade, um modelo de beleza feminino adequado a quem ocupava uma posição social de destaque. Elas deviam, via de regra, apresentar um comportamento compatível com a sua posição social.

As mulheres se ocupavam muito com o embelezamento - sobre as diversas técnicas de embelezamento utilizadas pelas romanas (ROBERT, 1995), e perdiam horas e horas diante do espelho, em um verdadeiro ritual cotidiano, modelando os cabelos com a ajuda de uma escrava, de modo a elaborar, conforme a moda, complicados arranjos. Utilizavam ainda tinturas para os cabelos brancos, assim como perucas. Tinham também cuidados com os dentes, que deveriam ser bem brancos, contrastando com os lábios encarnados. O penteado nos cabelos, a maquiagem no rosto, os perfumes, as depilações das pernas. No entanto, tudo deveria ser feito longe dos olhares masculinos conforme atesta Ovídio (1992) em “Arte de Amar”. Este autor deixa sempre subentendido nas alegorias discursivas, implícita ou explicitamente uma relação da subserviência feminina para com os homens (SILVA, 2003), ou, como quer Robert (1995) deixa um testemunho das regras de sedução de seu tempo.

Ao tratar desse assunto, Tertuliano tocou em uma questão fundamental da condição feminina no imaginário romano, isto é, a do conceito ideal de mulher formulado e imposto pelo homem de considerável posição social: “um ideal formulado e imposto pelas classes média e superior dos romanos do sexo oposto” (FINLEY, 1990). A posição social pública era desapropriada para elas e, menos que fossem membros da casa imperial, esperava-se que manifestassem as virtudes tradicionais de modéstia, castidade e de devoção aos deuses e à família. Várias mudanças sociais ocorreram na sociedade patriarcal romana entre a República e o Principado, atingindo também o mundo feminino, mas sem provocar uma alteração profunda. E mesmo com algumas alterações em torno da figura do *paterfamilias*, não se alterou na essência o significado dos papéis masculinos e femininos (SILVA, 2003).

É desse modelo que trata Tertuliano e, para atingir seu objetivo, elabora o *De cultu feminarum* (TERTULLIEN, 1971) dentro dos padrões da retórica antiga, em que princípio, meio e fim estão claramente delimitados. As partes são coerentes entre si e formam uma unidade temática e estrutural. A mudança ultrapassava o aspecto da

crença e o mundo interno das neófitas, ou seja, a conversão exigia uma série de mudanças: não bastava apenas freqüentar as reuniões e orar juntas; elas deviam apresentar-se com recato, adotando um comportamento e um estilo de se vestir mais discretos, apresentando, assim, não apenas uma alteração em nível espiritual, mas determinado tipo de exteriorização da opção religiosa.

As motivações que podem ter levado Tertuliano a se preocupar com essas questões podem ter sido várias, contudo, à primeira vista, é possível supor que, apesar da conversão à nova religião, os comportamentos sociais e culturais anteriores como vestimentas, casamento, alimentação, diversão etc., ainda permaneciam os mesmos. Assim, justifica-se a tentativa do autor de proclamar a necessidade de uma distinção entre “eles” e “nós”, ou seja, entre “aquelas mulheres” e as “nossas mulheres”. Apesar de existirem práticas socioculturais arraigadas, os cristãos deveriam possuir uma distinção, uma marca em relação ao que era comum. Assim exortar, compor um modelo de conduta idealizado seria um meio de ensinar e propor uma nova conduta social.

Ora, para as matronas, adotar um comportamento conduzido pela simplicidade da vestimenta, ausência de qualquer elemento maior de produção da aparência, não seria algo fácil a se renunciar espontaneamente, pois a maquiagem e os cosméticos, depois de séculos de pesquisa e refinamento, tornavam a sedução uma verdadeira e autêntica arte (SETTE, 2000), compunham já um modo de ser e se apresentar ao mundo. A arte do bem vestir abrangia a variedade de tecidos (lã, algodão, linho, seda e seus derivados) com uma diversidade substancial de cores, conseguidas por meio dos tingimentos, aos quais se somavam os bordados e os ornamentos, incrementados por jóias (essenciais na toalete feminina), como colares, pulseiras, brincos e anéis, em ouro, prata ou pérolas. Deve-se incluir a essas artes, uma outra, a arte dos penteados. As mulheres se esmeravam em ondular os cabelos, cuidadosamente arranjados com acessórios: diademas de tecido ou de metal precioso, ornatos de pérolas e gemas, pentes de marfim, alfinetes de bronze. E, se tudo isso não resultasse em satisfação, era possível recorrer a perucas e a tinturas. Além de todos esses adereços, a elegância feminina era finalizada com maquiagem, perfumes e ungüentos líquidos (GRIMAL, 1995).

Parece que tanto os homens quanto as mulheres tiveram uma preocupação muito grande com a aparência exterior, constituindo uma espécie de tradição compor a própria apresentação pública por meio da vestimenta adequada, assim como o modo

de se comportar dentro dos padrões da época. Tertuliano, oriundo desse mundo, fez do assunto argumento de distinção religiosa. Dividiu seu discurso em dois livros: no primeiro, *De habitu muliebri*, discorreu sobre o modo de vestir das mulheres; e, no segundo, que dá o título ao conjunto da obra, *De cultu feminarum*, tratou dos cuidados do corpo feminino, cuidadosamente inseriu uma diferença de tom entre um e outro: inicialmente o autor é crítico e áspero, lançando mão de um tom acusador e usando, como auxílio retórico figuras da literatura judaica. Já no desenvolvimento argumentativo do segundo livro, mudou radicalmente de posição e usou um tom humilde e suplicante na exposição.

Essa divisão de tom e de temas faz sentido na construção retórica do texto, que objetivava convencer seus interlocutores. Quando vituperou, Tertuliano utilizou como ilustração retórica e como reforço argumentativo a literatura judaico-cristã, principalmente o capítulo três do livro do Gênesis, em que Eva é a principal protagonista. Para enfatizar a idéia anterior, utilizou também o livro de Enoch³, de modo que, sedimentado em causas e hipóteses laudativas, propôs tratar da verdade sobre a condição da mulher. Pragmático, evidenciou um discurso que responsabilizou Eva pelo primeiro pecado e, por conseqüência, todas as suas descendentes e, no caso, suas interlocutoras também consideradas culpadas. Assim, afirmou que a condição feminina estava sedimentada na vergonha do primeiro pecado, a ser expiado por meio do sofrimento, das dores do parto e de uma vida ao marido.

Neste mundo, é agora executada a sentença divina contra esse teu sexo: é necessário que resistas também à condição de acusada. És tu a porta do diabo, és tu que quebraste o sigilo da genealogia, és tu a primeira que transgrediu a lei divina, estás a circundar aqueles que o diabo não conseguiu iludir; tu, de maneira tão fácil, aniquilas o homem, imagem de Deus; por isso que tens merecido tudo que é a morte, também o filho de Deus teve de morrer: e está agora em espírito e coberto de ornamentos a tua túnica de pele? (TERTULIANO, *De cultu feminarum*, I, 1.2).

O livro de Enoch propiciou ao autor o alinhamento da imagem da mulher com a dos anjos caídos, justificando, assim, a culpa feminina aliada a um aspecto demoníaco. A narrativa trata da ação de duzentos anjos que migraram para a terra, tendo

³ Enoch é um apócrifo da literatura judaica a quem dois livros são atribuídos, o “Livro de Enoch” e o “Livro dos segredos de Enoch”, escritos muito provavelmente no séc. I d.C., período intertestamentário, isto é, entre o Velho e o Novo Testamento. O tema é uma visão apocalíptica que Enoch experimenta, ao fazer uma viagem por vários céus, passando pelo inferno, até encontrar-se com o Senhor. Trata da criação do mundo e de como Deus criou o mundo invisível (BARRERA, 1995).

cada qual escolhido uma mulher com quem coabitaram; as mulheres conceberam e geraram filhos gigantes, que, por sua vez, se voltaram contra os humanos e espalharam muito sangue pela terra. Mas, além de legar uma geração, os anjos deixaram ensinamentos às mulheres.

Foram sete anjos, cada qual ensinou alguma coisa: Azazyel instruiu sobre o fabrico de espadas, facas, escudos, couraças, espelhos, braceletes, ornatos; sobre o uso de pintura, e sobre a arte de pintar sobrancelhas, além do uso de toda espécie de pedras preciosas e de toda espécie de pinturas; Amazarak deu a conhecer os sortilégios, encantamentos e as propriedades das raízes; Armers ensinou a arte de anular os sortilégios; Barkayal ensinou a arte de observar as estrelas; Akibeel ensinou os signos; Tamiel ensinou a astronomia; e Asaradel ensinou os movimentos da lua (UBIGLI, 1990).

As narrativas míticas sobre o relacionamento entre humanos e criaturas divinas e que resultaram na transformação dos últimos em demônios foram comuns no mundo mediterrâneo “e a literatura judeu-helenística lhe dará novos desenvolvimentos” (SCHIAVO, 2001). Aqui é possível perceber um processo que aproxima a mulher à figura do diabo, justificada em parte pela sexualidade e pela sedução feminina. Cria-se, assim, a idéia de que a feminilidade é perigosa e deve ser dominada: “a mulher é usada como símbolo de sedução e de todo tipo de abominação: por isso ela é relacionada ao demônio!” (SCHIAVO, 2001).

A opção pela utilização de recursos persuasivos – o Gênesis e o de Enoch, uma obra apócrifa, ambos oriundos da literatura judaica – pode revelar algumas de suas intenções, uma vez que a história da criação transmite valores morais, sociais e religiosos que se apresentam válidos para diversas culturas (PAGELS, 1992). A figura de Eva remetia à noção “daquela que cedeu às tentações”. Essa interpretação possibilitou o manuseio de uma imagem forte de convencimento, cujo objetivo foi construir uma imagem de que todos os produtos e aparatos de embelezamento fizeram parte da herança dos anjos caídos para as mulheres como vingança, porque também eles caíram em desgraça por causa da beleza e dos atrativos femininos. Assim, de maneira hábil e utilizando-se de argumentos da literatura judaica, o autor conseguiu vincular a idéia de ostentação, de embelezamento à queda e ao pecado, enfim, à demonização da maneira como as mulheres se vestem e se embelezam.

Desejo que tomes consciência de sua origem pecadora e da origem satânica das jóias, maquiagens e tintas – *cultus y ornatus* – Tudo o que significa luxo, ouro, prata, pedras preciosas e jóias não são mais que um sinal de *ambitio* a que se contrapõe a *humilitas*, verdadeira essência do bom cristão; neste caso, da boa cristã. Os cuidados como cabelo, pés, etc – *ornatus* -, significam para ele a *prostitutio*, oposta à *castitas*, um elemento a mais da moral que defende (SAAVEDRA GUERRERO, 1986, p. 307-313).

Entretanto são proposições da religião romana que o autor desenvolveu no segundo livro, *De cultu feminarum* (TERTULLIEN, 1971). Quando se referiu aos cuidados do corpo feminino, com uma radical transformação de argumentos e de tom, evocou as mulheres como “servas de Deus vivo, minhas companheiras e irmãs”. No exórdio do livro I, usou a expressão “Portal do diabo” e, no exórdio do livro II, refere-se às mulheres como suas “irmãs na fraternidade cristã”, destacando que há “salvação, tanto para as mulheres como para os homens”. É nesse segundo livro que ele evidencia a intenção de tratar da *puclitia*, que já era preocupação no mundo romano e também fará parte do modelo ideal da mulher cristã.

É difícil a tradução de tal vocábulo, que vem do latim *puclitus*. Cícero, Salústio e Ovídio usaram-no com o sentido de pudicícia, castidade, recato, pejo, pudor, virtude (nas mulheres) ou honra (SARAIVA, 2000). Assim, o sentido do termo deve incluir todas as virtudes femininas de honra, de pureza, de castidade, de modo a abarcar todos esses elementos, e não, pura e simplesmente a castidade.

Os exemplos mais significativos de abrangências da expressão podem ser encontrados em inscrições tumulares que deixam para a posteridade impressões ideais da falecida, como é o caso, de uma lápide funerária do cemitério Salario, perto da via Pinciana, em Roma, muito provavelmente do séc. II d.C, dedicada a uma certa *Allia*. Aí estão inscritos os louváveis méritos da defunta, os quais correspondem exatamente ao ideal da perfeita matrona romana: a habilidade em administrar a casa (*fidissima custos*), irrepreensível (*munda inreprehensa*), trabalhadeira, a primeira a se levantar e a última a descansar (*prima toto delapsa fuit cadem ultima lecto*), um grande talento para tecelagem (*lana cui e manibus nunquam sine causa recessit*), que nunca pára de trabalhar com a lâ sem razão e, finalmente, alguém que tem prudência. *Allia* não fora uma mulher loquaz (*exiguo sermone*) (FRIGGERI, 2001). E foi essa ausência de defeitos que os antigos autores freqüentemente atribuíram às mulheres, inclusive à mulheres gregas, cujo modelo era o de Mèlissa (LESSA, 2001), a mulher-abelha a

qual deveria ser passiva, submissa, discreta, frágil, débil, com sexualidade restrita à procriação, devotada à casa e a família, distante de atividades sociais e econômicas e encerrada completamente em seus aposentos, o gineceu (BUSTAMANTE, 2003b).

Quando Tertuliano destacou a importância da prática da *pucliticia*⁴, tocou no imaginário romano em relação à mulher: era esperado que ela agisse exemplarmente, pois deveria ser, em todos os momentos, modelo de conduta, de recato, evitando o adultério e buscando a discricião. Em última instância, defendia que uma mulher honrada e “bem nascida” deveria ser pura e casta. Entenda o “bem nascido” no sentido atribuído por Peter Brown (1990) em relação a distância social intransponível entre os “bem-nascidos” e seus inferiores. Mesmo que a evolução mais sensível do período romano foi a discreta mobilização da cultura e da educação moral para afirmar tal distância: uma moral da distância social ligada à cultura tradicional.

Ao aconselhar suas companheiras de fé, valorizando a pudicícia, deixou claro que, apesar da mudança de religião, elas permaneciam ainda agindo conforme as exigências sociais da religião romana:

[...] depois, se acontece a algumas de vós que a razão das vossas riquezas ou do vosso nascimento ou de anteriores dignidades obrigue a andar em tanta pompa, ao menos tendes toda a cautela, como discipulas da sabedoria, em usar de moderação neste campo, para que, a pretexto de tal ser necessário, não venhais a entregar-se a um desregramento sem freio (TERTULIANO, *De cultu feminarum*, II, 5, 4).

O fato de se converter para um credo religioso não significava que todos os comportamentos fossem radicalmente abolidos. Considerando, na sociedade romana, a posição social dos “bem-nascidos”, que seguiam à risca as regras de comedimento e de controle social, conforme as exigências da posição ocupada e de acordo com suas convicções, Tertuliano defendeu que “a pudicícia não consiste apenas na integridade de corpo e na aversão à sedução, sem que nada de exterior fosse preciso, quero dizer, sem regras respeitantes ao modo de vestir-se e aos cuidados de beleza” (*De cultu feminarum*, II, 5, 4). Sem negar a mentalidade que regia o comportamento das mulheres romanas do período, esse autor fez considerações sobre o que, para ele, seria a virtude ideal:

Mesmo que entre os gentios se considere a força da pudicícia, neste ponto continuamente ela mostra-se tão imperfeita, confusa e estagnada, apesar, de,

algumas vezes, animar até certo ponto as virtudes; todavia permite a elas mesmas a licenciosidade da moda, com o fundamento na verdade gentia de buscar uma compensação para aquele efeito cuja realidade ela evita (TERTULIANO, *De cultu feminarum*, II, 2, 3).

Enfim, encerrou essa argumentação evidenciando a necessidade de haver uma distinção dos cristãos, por meio de um comportamento ideal, e a delimitação de um comportamento alternativo. Se, por um lado, reconheceu a pudicícia das damas gentílicas, exigiu, por outro, mais ainda de suas companheiras, como marca da diferença cristã. Ora, se essas palavras tivessem sido pronunciadas em outro período, talvez nenhuma implicação maior ocorresse mas, como o movimento cristão ainda era incipiente e, muitas vezes, associado ao judaísmo, foram elas alvo de críticas, ironias e escárnio por parte dos adeptos da religião romana.

Assim, ao marcar posição com relação ao ato de assumir socialmente a opção no campo religioso, Tertuliano prevê, como sua máxima, a morte em defesa do credo, mesmo sem ainda delimitar radicalmente nesse texto essa idéia, pois ele enfatiza o comportamento distinto entre a cristã em relação à gentia: “como se falasse a mulheres gentias, vos falo de uma regra comum aos gentios e a todas: deves sempre agradar aos maridos”. Nesse ponto, não há nenhuma alteração entre uma e outra, pois o papel da esposa é comum a ambas. A diferença será marcada com relação às visitas aos templos, aos espetáculos e aos dias de festa gentílicos, ou dito em outras palavras, a interpretação do autor não prevê uma mudança no que diz respeito ao papel da mulher no casamento, mas sim, em relação ao comportamento no âmbito religioso. Uma verdadeira cristã só poderia sair de casa “para visitar um irmão enfermo, oferecer o sacrifício, ou para receber a palavra de Deus” (TERTULIANO, *De cultu feminarum*, II, 11, 2).

Tertuliano parece compreender a posição de certas mulheres cristãs que defendiam o luxo e a vaidade do bem-vestir para não ouvirem comentários do tipo “desde que se fez cristã, a sua apresentação é mais pobre!” (TERTULIANO, *De cultu feminarum*, II, 11, 3). Porém continua a defender que a cristã deve comportar-se de acordo com as exigências sociais, exatamente como a da maioria das mulheres, as quais na interpretação dele se contentavam apenas com a integridade do corpo, pois eram guiadas por comportamentos em relação à moda e à beleza feminina. Segundo ele, a pudicícia perfeita é posse apenas das autênticas discipulas do Cristo.

⁴ Utilizo no texto, a partir de agora, a forma portuguesa pudicícia.

O comprometimento com a simplicidade e modéstia que Tertuliano admoestou pode ser comprovado também nas catacumbas de Roma, datadas entre o final do século III e início do séc. IV, em que as mulheres estão sempre representadas em indumentária simples, em posição de oração com os braços abertos, vestidas com um modelo básico da clássica túnica com mangas longas e uma pala que sobe para cobrir a cabeça. Assim além do discurso escrito, temos também um repertório de imagens que compõe um discurso imagético significativo posterior ao nosso autor. Todas as figuras femininas apresentam o uso do véu, sabemos do significado, para os cristãos desde as cartas paulinas (O véu das mulheres - (1 CORINTIOS 11:1-12 apud BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985). Entretanto, temos ainda a representação das figuras aristocráticas e nobres ricamente vestidas nos mostram um discurso elaborado por meio imagético das conversões de mulheres da elite romana. Ícones claros de figurações femininas permeadas por um senso de majestade e luxo, conduzindo para a interpretação hierática, como se fosse uma estátua de culto, uma visão de um cristianismo aristocrático um pouco distante da mensagem de pobreza e renúncia total as coisas mundanas. Mesmo que com algum distanciamento temporal, temos no século IV ainda a representação de mulheres ricamente vestidas, similares às destinatárias discurso de Tertuliano acima analisado, voltado para aquelas oriundas de um extrato social mais elevado, o que possibilita visualizar um movimento cristão diversificado e plural de mulheres que tomaram parte do intrincado processo de constituição da Igreja cristã desde seu início, inclusive as pertencentes aos extratos ricos e abastados. Algumas delas estiveram ao lado de destacados Pais da Igreja como Agostinho e Jerônimo.

Considerações finais

As mulheres ocuparam um lugar no pensamento de alguns Pais da Igreja e pensadores cristãos. Sempre alvo de admoestações e instruções de um modelo, um ideal a ser atingido. Além da questão do discurso em si que conduz à prática socialmente aceita, é possível perceber um cristianismo plural e vario, e não isento de contradições. Imagens de mulheres foram construídas sejam a partir de textos escritos, mas também em pinturas o que possibilita a criação de um painel adornado com estratégias de gênero.

As informações que se têm das mulheres cristãs do séc II e III, em sua grande maioria, encontram-se em documentos anti-heréticos, em meio a discussões dogmáticas e teológicas, como apresentado acima, enquanto que, no século IV, elas se encontram em um contexto completamente diferente, o próprio cenário geográfico é outro, o cristianismo de finais do IV séc. e meados do V séc. é outro, são inúmeras dioceses disseminados pelo território greco-romano.

Diferente também é a organização eclesial, muda o lugar reservado às mulheres no interior da Igreja; elas serão lembradas agora como virgens consagradas, mães exemplares ou viúvas continentas, encarregadas dos cuidados com os pobres e doentes. E predominantemente devem ser modestas, educadas, dóceis para compor uma religião que cresceu sobremaneira entre os séculos III e IV d.C.

Discursos que educam e proporcionam uma instrução específica onde a diferença entre os sexos é cuidadosamente direcionada inclusive para conduzir um sofisticado aparato hierárquico amparado pela devoção em cores e aspectos vibrantes que convidam à adesão aos moldes da piedade cristã inclusive no além túmulo.

Desta feita ainda cabe a nós estudos cuidadosos sobre discursos e práticas viabilizados por meio de admoestações, de instruções como forma de educar e socializar que viabilizam a manutenção de representações dominantes repetidas e incansavelmente demonstradas que legitimam hierarquias e do mesmo modo a interiorização por parte das mulheres das regras criadas para estabelecer um lugar socialmente delimitado para o feminino.

Referências

- BARRERA, J. T. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**. Tradução de Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BEARD, M. Re-reading (Vestal) virginity. In: HAWLEY, R.; LEVICK, B. (Ed.). **Women in antiquity**. London and New York: Routledge, 1995. p. 166-177.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais**. Publicada sob a direção da "Ecole Biblique de Jérusalem". São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BROWN, P. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- BUSTAMANTE, R. M. C. Representações visuais das mulheres nos mosaicos norte-africanos baixo-imperiais: isotopia e gênero. **Phoînix**, ano 9, p. 314-359, 2003a.
- BUSTAMANTE, R. M. C. Dea Africa: construção de identidade e alteridade na África Romana. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-ES, 5., 2003, Vitória. **Anais...** Vitória: UFES, 2003b. p. 1-27.

- CHARTIER, R. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 37-47, 1995.
- CORASSIN, M. L. Manifestações de protesto em Roma: a participação feminina. **Clássica**, v. 1, p. 109-115, 1992.
- FINLEY, M. **Aspectos da antigüidade** – descobertas e controvérsias. Tradução de Eduardo Saló. Rio de Janeiro: Edições 70 Ltda., 1990.
- FRIGGERI, R. **The epigraphic collection of the Museo Nazionale Romano at the Baths of Diocletian**. Ministeri per i Beni e le Attività Culturali Soperintendenza Archeologia di Roma. Roma: Electa, 2001.
- GRIMAL, P. **A vida em Roma na antigüidade**. Tradução Victor Jabouille, João Daniel Lourenço, Maria Cristina Pimentel. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.
- LESSA, F. S. **Mulheres de Atenas** – Méliissa do Gineceu à Agorá. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga (LHIA) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- OVÍDIO. **A arte de amar**. Tradução de Natália Correia e David M. Ferreira. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- PAGELS, E. **Adão, Eva e a Serpente**. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- ROBERT, J. N. **Os prazeres em Roma**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SARAIVA, F. R. S. **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- SAAVEDRA GUERRERO, M. D. La mujer como inductora de um fenómeno economico, la inflacion segun Tertuliano. In: JORNADAS DE INVESTIGACIONN INTERDICIPLINARIA - LA MUJER EM EL MUNDO ANTIGUO, 5., 1986, Madrid. **Anais...** Madrid: Universidad autonoma de Madrid, 1986. p. 307-313.
- SCHIAVO, L. "Como é que é sentir o Calor?". A história de Lúcifer que se tornou demônio por causa da mulher. **Estudos Bíblicos**, v. 72, p. 73-89, 2001.
- SETTE, G. **L'abbigliamento** - vita e costumi dei romani antichi. Roma: Edizioni Quasar, 2000.
- SILVA, G. J. Representações femininas e relações de gênero na Ars Amatoria. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. (Org.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade** – Relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Unicamp, 2003. p. 355-374.
- TERTULIANO. **A moda feminina**. Tradução de Fernando Melro. Lisboa: Verbo, 1974.
- TERTULIANO. **De virginibus velandis** - la condizione femminile nelle prime comunità cristiane. A cura di Pier Angelo Gramaglia (a cura). Roma: Borla, 1984.
- TERTULIANO. **Ad uxorem** - de exhortatione castitatis - de monogamia. Il matrimonio nel cristianesimo preniceno. Pier Angelo Gramaglia (a cura). Roma: Edizioni Borla, 1988.
- TERTULLIEN. **La toilette des femmes (De cultu feminarum)**. Introduction, texte critique, traduction et commentaire de Marie Turcan. Paris: Les Éditions du Cerf, 1971. (Sources Chrétiennes 173).
- UBIGLI, L. R. **Gli apocrifi (o pseudepigrifi) dell'Antico Testamento**. Roma: Laterza, 1990.
- ZAIMAN, C. Educação e socialização. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 80-84.

Received on July 18, 2011.

Accepted on August 22, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.